
HOMENAGEM A LUÍS SUCUPIRA (")

Eduardo Campos

Sob conceito aristotélico, tenha-se por exórdio – no limiar deste discurso – o ensinamento de Isócrates, contido nas palavras ditas por ele em homenagem a Demônico, filho do chipriota Nipônico: “Tudo que pretendeis dizer, primeiro deverá estar avaliado em vosso próprio interior.” E a tanto, demonstrar como fez Górgia em seu “Discurso Olímpico” – mencionado por Aristóteles –; com bastante empenho de honrar uma pessoa de bem, o cidadão Luís Cavalcanti Sucupira que, ao longo de nove venturosas décadas, não apenas viu, como Jacó – em sonho bíblico –, a “escada que chegava da terra ao céu”, no referir do Pe. Antônio Vieira, no Sermão de Quarta-feira de Cinzas; mas a escada que Deus proporciona ao varão disposto a empreender com nobreza e espírito público, degrau a degrau, a busca da perfeição – a do entendimento humano, que convém exaltarmos por agora –, sem reparar, como lembra o sermonista, ter a “escada – do sonho de Jacó – mais degraus para descer, que para subir”.

Aqui, e agora, em hora de inefável significação e beleza, tomamos-nos todos desse orgulho do humano – como nos sugere o pensamento erudito –, para contemplar a firme trajetória do jornalista Luís Sucupira, longo pregador de boas obras, vocação para a tribuna e o púlpito, senhor de extraordinária capacidade de confortar e ensinar; educador obstinado, e, sobretudo, homem de jornal, cômico de seus deveres e mestre em ensiná-los aos menos aprendidos de ética, como o fez ao assumir à presidência da Associação Cearense de Imprensa,

(") Discurso proferido na Associação Cearense de Imprensa, em 16.05.1991.

em 1945:

"Todo homem digno pode muito defender os seus pontos de vista sem ferir a dignidade alheia, e é próprio de cavalheiro discutir com o sorriso nos lábios e delicadeza de expressões."

E mais por diante, nessa mesma peça de oratória proposta para atenuar grave crise que ameaçava a concórdia no jornalismo local, à época:

"Divergir é próprio de quem possui idéias, e próprio das inteligências cultas defender as idéias já formadas. Mas defender uma idéia ou sustentar um princípio não é ferir até o sangue os sentimentos alheios."

Will Durant, em livro que mantive à mão ao longo de meus verdes anos, "Os Grandes Pensadores", descreve o desabafo do escritor Anatole France, a questionar a sua atividade intelectual.

"Que vale o meu trabalho" ao lado do desempenho dos que cultivam o chão?

Consideraria ainda: "Feliz o homem e o boi que abrem sulcos na terra! (...) "O operário, que vejo da minha janela, ceifará hoje trezentos molhos de trigo e irá para a cama cansado, mas satisfeito, sem a menor dúvida, sobre a qualidade de seu trabalho. Oh, a alegria de realizar uma tarefa regular e exata!"

E em complemento, aduziu: "Mas eu, poderei eu saber, esta manhã, quando as minhas dez páginas estarão escritas, ou se bem enchi o dia e ganhei honestamente o meu sono? Saberei eu se levei meu trigo ao paiol? Saberei se as minhas palavras serão o pão da vida?"

Em igual circunstância – podemos imaginar – não haveria de se lastimar o cidadão Luís Sucupira, certo de empreender no seu dia-a-dia com a consciência de suas responsabilidades para com a sociedade que o assiste, até hoje, prosperar pelas virtudes que pratica, e ajustado, antes de tudo, à qualificação honrosa de criatura de Deus, do modo como se poderá ler na Bíblia: "perfeitamente habilitada para toda boa obra." (II Timóteo, 3:16,17)

Assim, houve-se em todo o seu percurso de desempenho público, quer como funcionário probo, quer como representante do povo na Câmara Federal, ou Secretário de Estado, ou interinamente à frente do Executivo cearense, na condição de respeitável interventor.

Assim, mas sobretudo professor e jornalista – anotaria o historiador Raimundo Girão ao inventariar os membros da Academia Cearense de Letras –, acrescentando: "dêstes que não perdem tempo e o são a todas as horas. Lecionou no Instituto Católico de Estudos Superiores, no Instituto Social, no Rio de Janeiro; no Colégio da Imaculada, no 198

das Irmãs Dorotéias e na Faculdade de Filosofia de Fortaleza.”

No mesmo lugar estão mencionadas as suas características pessoais, o dinamismo e a espontaneidade que vigoram, “liberto das exigências de roupas e rebelde aos preconceitos.”

Durante quarenta e dois anos o nosso homenageado desta hora atuou exemplarmente na redação de “O Nordeste”, de que foi diretor, e, no seu exercício jornalístico, considerado com justeza pelo autor de “A Academia de 1894” sob apropriada mas decisiva análise: “Como homem de jornal, ninguém teria sido mais que ele no Ceará, pela continuidade e pelo valor de seus artigos e crônicas.”

Ao assumir a presidência da Associação de Imprensa, em 1945, na peça oratória, que praticou, falaram ao mesmo tempo o jornalista e o educador, o primeiro a interpretar o trabalho do jornalismo efetivado modernamente e que, a seu dizer tomava “um caráter mais informativo do que mesmo educativo.” E o segundo a pretender a “instalação de uma Escola de Jornalismo”, e aí a enfatizar conclusivo: “... não fosse a teoria indispensável ao trabalho intelectual do homem de imprensa e não existiriam cursos de jornalismo em todas as grandes universidades americanas, inglesas e francesas.”

Minhas Senhoras; meus Senhores;

Eurípedes, lembra a história, teria certa vez, frente aos seus cidadãos, proclamado:

“Tentarei com palavras, e, não podendo, com a mão.”

Mas nas oportunidades em que o jornalista responsável, firmado em Luís Sucupira, não pôde realizar com palavras, que sempre as proferiu com altanada dignidade, o fez pela ação, pelo poder criador de seu trabalho e de sua jamais negada capacidade de servir.

E sempre a se haver decisivo em sua maneira de ser, disposto a julgar com a retidão de seu pensamento.

Desse modo, ainda recentemente, em depoimento prestado ao jornal “Notícias Culturais”, a se postar altivamente em defesa dos princípios que o animam, incisivo ao proferir sua opinião sobre o nível da nossa imprensa, dando-a por deficiente por esses dias, em razão dos elementos de valor que tem perdido, e ameaçada de se transformar em boletim onde os “fatos se sobrepõem às idéias”, à falta destas.

Destemida a vigilante posição do grande jornalista, contra o desvirtuamento da televisão, exprobrando no mesmo local a situação que todos nós reprovamos: “Olho com nojo” – disse aí – “para a influência

maléfica que vem a televisão desenvolvendo em todos os meios sociais. Giovanni Papini, o magnífico autor da "História de Cristo" — prossegue com a palavra — "chamou o dinheiro de **esterco do Satanás**. Qualificativo idêntico pode se atribuído aos programas divulgados pela maravilhosa invenção, infelizmente utilizada entre nós para os fins mais reprováveis."

Ao relembrar recentemente a inesquecível personalidade de outro grande vulto do jornalismo católico, Manuel Antônio de Andrade Furtado, — por igual um dos fortes esteios da atuação de "O Nordeste" pelos anos quarenta —, Luís Sucupira transcreve passagens antológicas do ilustre pranteado, e uma destas inserida no discurso de colação de grau em bacharel em ciências jurídicas e sociais, em 1915.

A citação, que se fará a seguir, não vem ao acaso; é que se percebe no articulista a fervorosa aceitação do ideário de convicções cívicas e religiosas defendido por Andrade Furtado, idéias que, naturais à formação deste, o são também na complementação moral do homem de bem e de fé, que está em Luís Sucupira.

Assim dito: "O meu discurso é, pois, a afirmação sincera do que penso e sinto. E mais: é a proclamação das minhas convicções, é o atestado público das minhas crenças inabaláveis, é a minha profissão de fé, o grito triunfal de um couraceiro andante, que se empenhou na refrega tumultuosa dos combates, no torvelinho ardente das lutas, e de pensamento, e que ao fim, retemperado nas mesmas energias de outrora, fita a bandeira de comando e reconhece, olha o símbolo sagrado do seu ideal e o bendiz."

Intellectual de estilo terso, objetivo e transparente nas mensagens que escreve; senhor de um vocabulário que faz sonora a frase, e pelo qual logo às primeiras palavras tem-se a revelação do homem estudioso, erudito.

Estamos com Raimundo Girão, quando escreve com bastante propriedade a respeito das atividades do nosso homenageado de hoje:

"A vida exaustiva de professor e do periodismo não o permitiu legar, até agora, à posteridade, obra cultural ao nível do seu saber e inteligência!"

É que além das belas orações que proferiu, ao longo de sua vida, qual a dita com a emoção de seus sentimentos em louvor da memória de Gustavo Barroso; ou, mais perto de nós, a que disse em homenagem a Andrade Furtado, no transcurso do centenário deste, estão aí, como exemplo de boa leitura, de irrepreensíveis fundamentos culturais e históricos, trabalhos inseridos na Revista do Instituto do Ceará. E,

200

nesse caso, valerá a nossa atenção permanente à sua correta análise sobre a política cearense, gizada em conferência nomeada acertadamente: "A Política dos Governadores."

Senhoras e Senhores;

Um dos mais expressivos escritores brasileiros, José Américo de Almeida, em suas memórias, e em possível momento de desesperança, escreveu esta comovente confissão: "A vida longa marcha para o deserto."

Mas a do ilustre e amado homenageado, para alegria nossa, difere desse pensamento amargo. E aqui estamos todos, familiares e amigos da Associação Cearense de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas e da Ordem dos Velhos Jornalistas – e em permissivo simbolismo o Ceará, o Ceará que sabe honrar e exaltar os que se desempenham superiormente a favor de seu povo.

Para encerrar, que vai longo o discurso, as palavras de sensível personagem na peça "A Rosa Tatuada", de Tennessee Williams:

"Nada é bom demais para o homem, quando o homem é bom."